

**A INÚTIL
PAIXÃO
DO SER**

**Figurações
do narrador
moderno**

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Uruguai – Outarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Flavia Trocoli

**A INÚTIL
PAIXÃO
DO SER**

**Figurações
do narrador
moderno**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trocoli, Flavia

A inútil paixão do ser : figurações do narrador moderno / Flavia Trocoli. –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. – (Coleção Terramar)

ISBN 978-85-7591-328-4

1. Linguagem – Ensaios 2. Lispector, Clarice, 1925-1977 - Crítica e interpretação 3. Psicanálise 4. Psicanálise – Ensaios 5. Woolf, Virginia, 1882-1941 – Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

15-01720

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios psicanalíticos 150.195
2. Psicanálise : Ensaios 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

**Esta obra conta com o
apoio institucional da Capes
para a sua publicação**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

ABRIL/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Agradecimentos

Este livro foi composto em um intervalo de nove anos que abarcou meu Mestrado, meu Doutorado e meu Pós-Doutorado, e, nele, ainda posso reconhecer aqueles que, cada qual a seu modo, foram imprescindíveis para a sua construção: Luiz Dantas e Haquira Osakabe (em memória), Jeanne Marie Gagnebin, Vilma Arêas, Marcio Seligmann-Silva, Nina Leite e Suely Aires. Dedicado a Cláudia Lemos, o livro, reescrito e revisitado, não cansa de confirmar que a paixão da linguagem é Outra depois dela. Recebi Bolsa-Fapesp do Mestrado ao Pós-Doutorado, o que me garantiu uma dedicação integral à pesquisa entre os anos de 1998 e 2007. Só-depois, Lucia Castello Branco tornou-se leitora deste livro, a ela agradeço um fim que abre. A publicação foi viabilizada com recurso Capes/Proex, também por isso, sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ.

*Oh! To whom? (...) I will bind my flowers
in one garland and advancing with my hand
outstretched will present them – Oh! To whom?
Virginia Woolf, The waves, 1931.*

A Cláudia Lemos

You know that sudden rush of wings, that exclamation, carol, and confusion; the riot and babble of voices; and all the drops are sparkling, trembling, as if the garden were a splintered mosaic, vanishing, twinkling; not yet formed into onenbole; and a bird sings close to the window. I heard those songs. I followed those phantoms.

Virginia Woolf, *The waves*, 1931.

Sumário

A PAIXÃO SEGUNDO F.T.	13
<i>Lucia Castello Branco</i>	
SEGUINDO ESSES FANTASMAS: A CENA DA PERDA E SEUS DESVIOS.	19
Capítulo 1	
A CRÍTICA COMO ATO: VIRGINIA WOOLF E CLARICE LISPECTOR EM OUTRAS CENAS.	25
<i>Uma mancha ali: a crise da representação realista encenada pelo romance moderno</i>	25
<i>“A meia marrom” e o romance moderno como método para Erich Auerbach</i>	28
<i>“No raiar de Clarice Lispector”: aparato teórico e ato crítico</i>	31
Capítulo 2	
PRELÚDIOS PARA CLARICE LISPECTOR: A INTROSPECÇÃO E A BARRA.	35
<i>A luz no subsolo: Unidade Perdida e Reencontrada</i>	35
<i>Dom Casmurro e a cena da escrita: a barra intransponível</i>	45
Capítulo 3	
A PAIXÃO SEGUNDO G.H.: COESÃO E VERTIGEM	55
<i>A barata e o corpo perecível</i>	55
<i>A empregada e a irrupção do vazio</i>	57
<i>Saber que se vive: do literal à significação.</i>	59

Capítulo 4

JOGO NO MAR ALTO: <i>THE WAVES</i> – A DISPERSÃO	69
<i>Não dizer jamais Eu?</i>	69
<i>“Moments of unbeing”</i>	77
<i>A espuma: do metafórico ao literal</i>	81
<i>O mosaico estilizado – outras cenas inglesas</i>	87
<i>O Eu como “receptor do choque” e como “doador de forma”</i>	95

Capítulo 5

A VERTIGEM E SUAS VICISSITUDES.	101
<i>Perto e longe do coração selvagem da vida</i>	101
<i>Da vertigem ao estilizado: Água viva</i>	105
<i>A hora da estrela: restos cantáveis</i>	108
<i>O arrebatamento de Laura em “A imitação da rosa”</i>	116

Capítulo 6

OUVINDO OUTROS CANTOS – CENAS DE DESTITUIÇÃO EM MACHADO DE ASSIS, GRACILIANO RAMOS, NUNO RAMOS.	121
<i>Fantasmas e cartas em outras literaturas</i>	121
<i>Mulheres-fantasmas, mulheres-cartas: Capitu, Madalena, Minha Fantasma</i>	125
<i>O “reino da pergunta”: a herança</i>	130
 DESENLACES: “O BRANCO AFÃ DE NOSSA VELA”	 133
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	 139

A paixão segundo F.T.

*lanço-lhe uma linha de equilíbrio
dou-lhe um abismo
tiro-lhe a rede
tiro-lhe o abismo
dou-lhe a rede
estendo-lhe o abismo*
Llansol, *Da sebe ao ser*, 1988.

Comecemos por ela, a paixão. Comecemos por ela, porque ela é também o nosso fim, a paixão. “A inútil paixão do ser” – como Flavia Trocoli a nomeia. E, antes de tentarmos chegar até ele – o ser, este inalcançável –, demoremos um pouco neste adjetivo que a qualifica, a ela, a paixão: inútil. “O poema é um inutensílio”, já lemos, certa vez, em Manoel de Barros e certamente em Paulo Leminski, embora de outra forma. Mas foi Leminski também quem proferiu a magnífica conferência “Poesia: a paixão da linguagem” (Leminski 2009), em que buscava desenvolver, poeticamente, a ideia de que a paixão, movida pelo *pathos*, acomete o ser. O ser, portanto, é sempre objeto da paixão, essa inutilidade. Mas os poetas sabem que essa inutilidade é o cerne do poema, seu caroço-coração.

E então olhemos para ele, o ser. De que ser se trata, quando se trata da literatura e da psicanálise? Ouçamos Lacan (1953-1954[1976, p. 254]): “A noção de ser, no momento em que tentamos apreendê-la, se mostra tão inapreensível quanto a fala”. E, mais ainda: “O ser não está em nenhum lugar, a não ser nos intervalos, ali onde ele é o menos significativo dos sig-

nificantes, a saber, o corte” (Lacan 1958-1959). E aqui observamos, com Marcus André Vieira (1998, pp. 75-90), que Lacan não só “varre a tradição filosófica”, ao evocar um ser sem “reificação/ essencialização”, como introduz a ideia de um ser na linguagem, mas que “não consiste em nenhum lugar preciso que a linguagem possa delimitar.”

É este, evidentemente, o ser que interessa à literatura, tanto quanto interessa à psicanálise. De suas paixões, Lacan destacou três: o amor, o ódio, a ignorância. E, destas, Flavia Trocoli vai sublinhar precisamente uma, em sua leitura das figurações do narrador moderno: a ignorância, este ponto em que o saber fracassa e ao narrador só restam as “palavras-buraco” para dizer o “drama da linguagem”, ou, nas palavras de Flavia Trocoli ao referir-se à prática da letra em Virginia Woolf, “a erosão do significado, uma pura perda, e o gozo dos sons isolados que a escritura desmascara”.

Em seu magnífico seminário *A preparação do romance*, depois de percorrer todo um caminho em direção ao seu desejo de romance, tentando responder à pergunta “Como passar do ‘descontínuo ao fluxo (ao *estendido*)?””, Roland Barthes termina por concluir:

Quando produzo Anotações, elas são todas “verdadeiras”: eu nunca minto (nunca invento), mas, precisamente, não tenho acesso ao Romance; o romance começaria não pelo falso, mas quando se misturam, sem prevenir, o verdadeiro e o falso: o verdadeiro gritante, absoluto, e o falso colorido, brilhante, vindo da ordem do Desejo e do Imaginário (...)

Talvez, portanto: conseguir fazer um romance (tal é a perspectiva – o ponto de fuga – de nosso curso) é, no fundo, aceitar mentir, conseguir mentir (mentir pode ser muito difícil) – [4] mentir com aquela mentira segunda e perversa que consiste em misturar o verdadeiro e o falso. (1978-1979/1979-1980[2005, pp. 37-38 e p. 224])

Com base na leitura deste livro de Flavia Trocoli, talvez aqui possamos lançar a pergunta de Barthes em sentido inverso: como passar do contínuo, do fluxo, ao fragmentário, ao partido? E talvez possamos, então, ainda assim, lançar mão da resposta de Barthes: “Definitivamente, então, a resistência ao romance, a impotência da prática do romance seria uma

resistência *moral*” (*ibidem*, p. 225). E, em lugar de “moral”, evoquemos, uma vez mais, a psicanálise, pois trata-se, antes, de uma resistência ética.

O que se depreende da leitura deste livro de Flavia Trocoli é que “linguagem e subjetividade são indissociáveis”, mas também, que “há modos distintos de estar na linguagem”. E assim, se Clarice Lispector, em *A hora da estrela*, “cava o buraco [talvez aquele que Macabéa queria saber se era comprável] por onde os sentidos escoam”, é porque, apesar de suas tentativas de tamponá-lo, através das sucessivas metaforizações d’*A paixão segundo G.H.*, esse buraco já estava lá. O buraco, a palavra-buraco e a posição de Clarice-beirabismo, que se entrevê no buraco de letras cavado pela inscrição das iniciais na valise: G.H.

Para Clarice, assim como para Virginia Woolf, a “erosão do significado” sempre esteve lá, mas digamos que Clarice, na leitura de Flavia Trocoli, tenha conseguido, em alguns momentos de sua escrita, escapar a essa erosão do significado. Mas sabemos que, para Clarice, conseguir é sempre fracassar: é do fracasso da linguagem que o indizível de sua linguagem advém. E talvez possamos pensar na escrita de Virginia Woolf como aquela que faz a travessia do oposto: no caso de Virginia, é no fracasso, e não a partir do fracasso – quando tudo se dissolve nas ondas –, que se consegue escrever.

A tese defendida por Flavia Trocoli – e expressa já nas primeiras páginas de seu livro – vai mais além da análise dos modos de estar na linguagem de Clarice Lispector e Virginia Woolf. A essa tese subjaz a psicanálise como um modo de fazer, um modo de ler, que se relaciona ao modo como ela corta, analisa e interpreta os textos colocados em relação e em disjunção. E assim essa tese se enuncia: há um saber que não se sabe, um saber inconsciente, “exposto em ato no texto” da literatura e da psicanálise.

Daí sua paixão pela ignorância, inútil paixão do ser. Daí seu apelo ao que Lacan chamaria de “saber em fracasso”, distinguindo esse “saber em fracasso” do “fracasso do saber”. Tomado como figura em abismo, esse “saber em fracasso” seria, para Lacan, o único método possível para a psicanálise ler a literatura (Lacan, “Lituraterre”, 1971[2003, pp. 15-28]). E é esse saber em fracasso que vemos operar nas leituras deste livro, em que se lê Machado de Assis para ler Lúcio Cardoso e Clarice Lispector e em que se lê Lúcio Cardoso e Clarice Lispector para ler Virginia Woolf:

“Dando um salto, pode-se dizer que aquilo que se quer apagar ou do qual se quer desviar nos textos cardosianos e clariceanos é justamente o traço mais woolfiano de Woolf: a escrita do efeito da perda da palavra barrada e do não-sentido que ela instaura”.

Aí, nessa *mise-en-abime* de um saber em fracasso, a psicanálise também se inscreve nos registros de uma ética e de uma paixão, pois, como bem observa Marcus André (2012, p. 22), “seu trabalho é conduzido do começo ao fim pela paixão. Não tanto no sentido assinalado pelo senso comum, de violenta perda de si, e sim no que ela leva além”. A ética, aqui, aproxima-se da “única responsabilidade do poeta: ir mais além” (Lopes 2000, p. 11). E Flavia Trocoli vai mais além: de Machado a Clarice a Virginia Woolf, para retornar à Clarice no ponto mesmo da radicalidade de Macabéa e suas palavras pobres que restam.

Aí, nessa radicalidade da hora da estrela de Clarice e das ondas de Virginia – lugar que se estende “da vertigem à dispersão” e “da dispersão ao vazio” – os textos de ambas se encontram com o que o poeta Francis Ponge nomeou como “poesia ativa”, esse lugar onde “não há mais nenhum ‘eu’ para falar” e o que resta como “branco afã de nossa vela” é apenas o “mar que estrada com o sol”: a paisagem.¹

“Se compreendemos, se acedemos de um modo ou de outro a uma horla de sentido, é poeticamente”, assinala Jean-Luc Nancy (2005, p. 9), em *A resistência da poesia*. Por isso, segundo o filósofo, “a palavra ‘poesia’ designa tanto uma espécie de discurso, um gênero no seio das artes, ou uma qualidade que pode apresentar-se fora dessa espécie ou desse gênero” (*idem*). Para essas mulheres que ousaram um dia escrever frases como “gênero não me pega mais” (Lispector 1973, p. 12) a poesia se encontra aí: no cerne da paisagem, na palavra-buraco que seus textos contornam, ou por onde eles escorrem como pura dispersão. E, se elas resistem ao romance, como forma que mistura o verdadeiro e o falso, em seus textos a poesia resiste, como forma de sustentar a verdade e a inutilidade da paixão do ser.

Lembre-mo-nos de que quem nomeou a palavra-buraco, antes mesmo de Nuno Ramos, foi uma outra mulher: Marguerite Duras. E sobre

1. Referência aos últimos versos de Rimbaud, no poema *L'Eternité*: “C'est la mer allée avec le soleil”.

essa palavra Duras (1964[1996, p. 48]) escreveu: “essa teria sido uma palavra-ausente, uma palavra-buraco, furada em seu centro com um buraco, desse buraco onde todas essas palavras teriam sido enterradas”. Seu nome, em Duras, sabemos bem qual é: amor, nome do inominável. Talvez também em Clarice se possa dizer que o nome é este, como se lê em “Amor” (Lispector 1960[1973, pp. 17-34]), conto que caminha para a pura ausência: ponto de cegueira do que não nos vê.² Em Virgínia Woolf, talvez, possamos dizer que esse nome se escreve em linhas líquidas, ali mesmo nas águas de ondas que se quebram na praia, ou nas águas paradas do rio Ouse, onde Virgínia se afogou, com o bolso cheio de pedras. E aí estaremos no centro de outra das paixões do ser – o amor –, que, afinal, não se separa tão radicalmente do ódio, nem da ignorância.

Estamos diante de um livro sobre a escrita de duas mulheres acometidas pela inútil paixão do ser. E, no entanto, nele não se lê, nenhuma vez, a palavra “feminino”. Como a psicanálise, aquela que se apaga para ler lacanianamente o texto, o feminino aqui opera como uma forma de leitura em cortes e de amor em pedaços, *mise-en-abime* insistente de um saber em fracasso que, sem afirmar sua paixão, nem sua ignorância, redoa aos textos de Clarice e de Virgínia uma nova dignidade: aquela de quem quebra a palavra como “ato de amor à literatura”.

Lucia Castello Branco

2. Essa leitura do conto a que aqui faço alusão encontra-se em “A bruta flor do amor” (2012, pp. 195-206), de Lucia Castello Branco.